A MORTE DE CHU EN-LAI

veja

EDITORA ABRIL · N.º 384 · 14 DE JANEIRO DE 1976

Cr$ 10,00

PORTUGAL: ESC. 45$00

A VITÓRIA DE BIBI

BIBI FERREIRA
EM "GOTA D'ÁGUA"

TEATRO

A LADY SE AGITA

As metamorfoses de Bibi Ferreira e do teatro brasileiro na tragédia musical de "Gota D'Água"

FOTOS DE CHICO NELSON

Um dia papai lhe disse: "Faça peças que possam ser discutidas à mesa, pois esse é o público que nós queremos". E assim foi feito. Papai Procópio Ferreira, hoje com 77 anos, na semana passada ainda não se animara a comparecer ao Teatro Tereza Rachel, no Rio, onde sua filha Bibi Ferreira brilha no centro de um grande espetáculo de ríspida poesia e amargurada revolta. Com apenas quinze dias de carreira, "Gota D'Água" varreu o fim do ano velho e o começo do novo com um vento de esperanças e promessas para o teatro brasileiro. Está envolvendo 52 artistas e técnicos, custou oito meses de preparação e 500 000 cruzeiros de investimento. É a primeira peça de Chico Buarque de Hollanda (escrita de parceria com Paulo Pontes) a chegar ao palco desde a sanguinolenta "Roda Viva", no longínquo 1968. Escrita em versos, estende-se por três horas e revive entre os moradores pobres de um conjunto residencial a trama que o grego Eurípides criou na sua "Medéia" (encenada pela primeira vez há mais de 2 400 anos), a mulher que deplora seu destino e o de todas as outras mulheres.

Entre suor, risos e lágrimas, o público ocupa todas as noites os 600 lugares do forno em que se transformou o teatro nestas noites quentes e aplaude até a exaustão o que acabou de ver. Entre outras coisas, Bibi Ferreira desobedecendo ao conselho paterno.

Ela arrasta pesadamente sua mágoa e seu corpo pequeno, fantasmagoricamente branco nos trapos negros que o envolvem. Pisando duro com seus tamancos ordinários de madeira e couro, os cabelos revoltos, o rosto vincado, a voz trêmula de soluços engolidos, entra em cena no 35.º minuto já derrotada e desesperada. Seu homem, "o macho que fez, fibra por fibra", o infiel Jasão (Roberto Bonfim), abandonou-a com dois filhos pequenos para se casar com a bela Alma (Bete Mendes), filha do poderoso Creonte (Oswaldo Loureiro). Enquanto os demais moradores do conjunto se debatem com as prestações a pagar e a correção monetária, Medéia — agora rebatizada como Joana — só pensa no homem que perdeu. Ela o acusa:

Te dei cada sinal do teu temperamento
Te dei matéria-prima para o teu tutano
E mesmo essa ambição que, neste mo-
[mento,
Se volta contra mim
Eu te dei, por engano.

Jasão, moído de remorsos, defende-se acenando com um futuro que Joana não aceita nem quer:

Briga de casal sempre aconteceu
Não dá pra saber quem venceu ou quem
[perdeu
Porque nessa competição não vale aposta
Não tem medalha, espólio
Acabou-se a partida, não deu, paciência
Cada qual vai pro seu canto
Chora um bocadinho e depois de mais
[um tanto
Começa sua vida de novo.

Mas Joana só tem passado, lamentações e ódio ao tempo perdido:

Orgulhosa de ti, Jasão, era feliz e ilu-
[dida
Porque o que eu não imaginava, quando
[fiz
Dos meus dez anos a mais uma sobrevida
Pra completar a vida que você não tinha
É que estava desperdiçando o meu alento
Estava vestindo um boneco de farinha.

Assim, enquanto a pequena comunidade procura seguir a orientação de mestre Egeu (Luís Linhares), que conserta aparelhos de rádio e organiza os moradores para reclamar contra a "matemática filha da mãe" da correção monetária, Joana consome-se até o fim na sua paixão. Mesmo quando não fala, rarissimamente está parada: seu corpo se move sutilmente em cima dos tamancos, como que pisando em brasas, e dá voltas de fera acuada e sem objetivo. "É brutal, eu quase desisti do papel", explica uma Bibi Ferreira suada e excitada após a representação. "Joana não tem momentos fortes e fracos, só tem momentos fortes. No meio de uma dança eu falo, canto, berro e me zango. Fiquei pensando: 'Meu Deus, será que não tem nenhuma cena leve; uma pausa para tomar chá com torradas, uma coisa assim? Não, não tem. É a coisa mais difícil que já fiz na minha vida'."

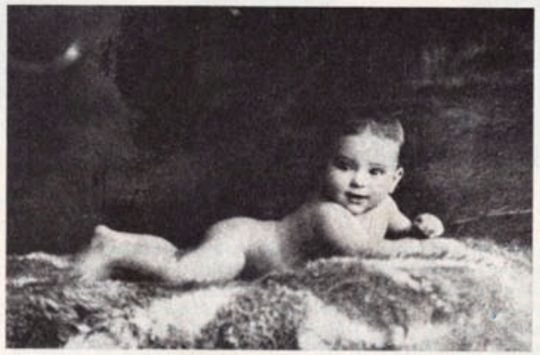
O esforço, por certo, está valendo a Bibi Ferreira uma enxurrada de elogios. Mas há algo de novo agora. A estrela de amenidades musicais como "Minha Querida Lady" e "Hello, Dolly", na década de 60, e de "O Homem de La Mancha", em 1972, convive faz tempo com a admiração de críticos e colegas de profissão. Alguma coisa, porém, devia estar mudando pelo menos desde sua última aparição no palco, com "O Homem de La Mancha". Paulo Autran, que foi seu parceiro nessa peça e em "Minha Querida Lady", notava, por exemplo, que na segunda vez em que trabalharam juntos Bibi demonstrava menos preocupação com a perfeição do espetáculo. "Ela estava pensando mais no sentido da peça, no que ela poderia enriquecer, e não apenas divertir a platéia." Aos 55 anos (segundo a Enciclopédia Delta-Larousse), tal preocupação deve ter empurrado Bibi até a experiência de "Gota D'Água", que ela vê como algo "imenso, enorme e importante" na sua vida. Apesar disso, quando leu o texto pela primeira vez sentiu "uma certa angústia". E explica: "Eu não consigo decorar nada antes de viver o papel. E a Joana, francamente, era um desafio que me parecia grande demais".

A adaptação da tragédia de Eurípides, matriz de tantas outras no teatro ocidental, significou também um desafio para mais pessoas. No caso da atual encenação, o primeiro esboço fora obra do falecido dramaturgo Oduvaldo Viana Filho, que elaborou uma versão para a TV e sugeriu a Paulo Pontes que a ampliasse. "Vianinha chegou a escrever um texto, que nos serviu de ponto de partida", conta Pontes. "Ele só parou quando não tinha mais forças mesmo." Pontes, paraibano de 35 anos, um dos fundadores do Teatro Opinião, no Rio, autor das peças "Um Edifício Chamado 200" e "Check-Up", passou, então, dois meses trabalhando com Chico Buarque, de 31 anos, autor das sete músicas do espetáculo e uma espécie de revisor da torrencial quantidade de versos exigida pela adaptação que se pretendia. Para Chico, além da oportunidade de ter um trabalho encenado, a versificação pareceu difícil mas lucrativa: "O know-how que eu tenho como compositor decerto ajudou muito. E a procura da palavra exata, para um verso, pode conduzir à descoberta de idéias novas". Pontes vê ainda outras vantagens: "O nosso teatro estava abdicando da palavra, e isso por causa de uma descrença na razão, da possibilidade de percepção das coisas. Temos momentos, na peça, de infernal intensidade, a que uma platéia menos preparada talvez até reagisse rindo, mas que o verso ajuda a dar dignidade".

Pontes, que é casado com Bibi, conta que o trabalho de certo modo foi idealizado para a mulher. O que não impediu uma reação surpreendente por parte da atriz: trancou-se num hotel, durante três dias, para se concentrar no papel. "No primeiro, fiquei vendo televisão, sem ânimo", ela conta. "Nos outros dois, senti que poderia fazer aquilo. Então liguei para mamãe e lhe pedi que fosse ao hotel. Ela acompanhou o texto, como que tomando lição, e então eu percebi que já tinha quase tudo decorado."

Prontos o texto e a atriz, surgiram as dificuldades práticas — algumas delas patéticas. Na véspera de Natal, dois dias antes da estréia, o produtor Max Haus corria lojas de São Paulo para comprar refletores (são 89) que não encontrara

no Rio. Carioca de 40 anos, dono do Teatro Casa Grande, responsável por espetáculos como "Brasileiro, Profissão: Esperança" e "O Homem de La Mancha", Haus conta que a formação esbarrou em outros entraves: "O enredo exigia muitos atores negros, mas são poucos os que têm experiência teatral. Um deles, por exemplo, Geraldo Rosa, que faz o papel de Xulé, foi o terceiro que experimentamos, porque os anteriores desistiram". A escolha do elenco, além disso, empacou nos compromissos que muitos deles têm com a televisão. Reunir todos no mesmo horário tornou-se uma das angústias do genovês Gianni Ratto, o diretor. "Mas é reconfortante ver a paixão com que o elenco se entregou ao trabalho", conta Ratto, 58 anos, cenógrafo consagrado ("Ricardo III", por exemplo), diretor de "Se Correr o Bicho Pega, se Ficar o Bicho Come", outro espetáculo em versos, encenado em 1966. Ele considera o texto muito claro, mas confessa que precisou de dez dias para resolver a cena final, da morte de Joana e dos filhos, e mostrar a brutalidade do acontecimento de uma maneira justa. Em todo caso, Ratto afirma que a idéia de ter que descobrir uma substituta para Bibi lhe dá calafrios: "É uma atriz sensacional, capaz de dançar e cantar, embora não seja especialista nem numa coisa nem noutra. Ela faz as duas, isso sim, com perfeição teatral. Vai do musical à tragédia grega, um fenômeno raro".



Bibi: 18 meses de idade e quase 18 de carreira

Aos 6 anos, entre a bisavó, a mãe e a avó

FOTOS DIÁRIOS ASSOCIADOS

Rara, sem dúvida, é a capacidade de adaptação e mudança de Bibi Ferreira. Famosa pelo seu autoritarismo como diretora (entre seus trabalhos, shows de mais de cem pessoas na cervejaria Canecão e a atual montagem de "Brasileiro, Profissão: Esperança"), ela exige de si tanto ou mais do que pretende dos outros. Passou quase dois meses, várias horas por dia, enfrentando a temperatura infernal do Teatro Tereza Rachel, onde a ventilação só é ligada nos momentos de música, porque nos demais atrapalharia a audição das vozes dos atores (problema que, de resto, continua na temporada comercial do espetáculo). E na sua "possessão" da trágica Joana, Bibi, uma mulher pequena, de aparência frágil, bateu tanto no próprio peito que acabou com dores fortíssimas numa mesa de hospital. "O médico elogiou muito as radiografias dos meus pulmões e do meu coração", ela conta, "e aí aprendi a me socar no lugar certo."

Tal violência, no caso de Bibi, não pode ser atribuída às exigências do enredo de "Gota D'Água" — ela vem perdendo fatias de si mesma, literalmente, em espetáculos bem mais suaves. Em "Hello, Dolly", numa cena em que comia um pedaço de galinha, cravou as mandíbulas no osso e perdeu um molar. Em "O Homem de La Mancha", o ator Roberto Azevedo errou a mão ao lhe dar uma bofetada e quebrou a raiz de um outro dente. "Não sei o que pode acontecer agora", suspira Bibi. "O que eu apanho do Roberto Bonfim não é normal". Ratto, o diretor, prevê o que aconteceria se fosse outra a atriz em cena: "Bibi trabalha perfeitamente com o raciocínio e a sensibilidade. Se ela se deixasse levar só pela sensibilidade, poderia arrebentar a perna na cena em que Bonfim a levanta da cama para jogá-la no chão".

A capacidade de adaptação e mudança de Bibi torna-se ainda mais expressiva quando se leva em conta que ela é a provável detentora do recorde mundial de experiência no palco: estreou com 24 dias de idade, fazendo o papel de uma boneca na peça "Manhã de Sol" (o brinquedo desaparecera do camarim onde papai Procópio Ferreira trabalhava). Depois, com 1 ano, em Santiago do Chile, aparece no final de uma revista, levada pela mãe, a dançarina Aida Izquierdo, fazendo imitações dos quadros a que assistira antes. "Era um sucesso, segundo mamãe me conta", lembra Bibi. "A platéia pensava que eu era uma anã." Abigail Izquierdo Ferreira, carioca da Tijuca, estava, assim, confirmando rapidamente as promessas contidas no seu sangue: pai ator, mãe bailarina, bisavô cantor de ópera, vários tios-avôs acrobatas, parentes no Circo Queirolo, os palhaços Chicharrão e Xique-Xique — e dois artistas que chegaram a trabalhar com Charlie Chaplin em Londres. Quando nasceu, num dia 1.º de junho ("Como Marilyn Monroe", lembra Bibi), Procópio Ferreira trabalhava na companhia de Abigail Maia e, para ser gentil com a patroa, batizou a filha com o mesmo nome. Com quatro anos, voltando ao Rio, a pequena Bibi já dançava no Teatro Municipal, numa encenação de "Carmen". E comenta: "Nunca estreei num palco, para falar a verdade. Eu nasci lá".

Estudava canto e dança — foi aluna de Maria Oleneva. Queria ser maestrina e adorava ler teatro porque era fascinada por pessoas que falam bem. O pai, com o qual conviveu mais na arte do que na vida, tinha porém outros planos. Andava cheio de dívidas — havia comprado tapetes persas por conta do que haveria de ganhar na temporada do ano seguinte — e passou um telegrama à família nos seguintes termos: "Que tal estrearmos Bibi próxima temporada minha fevereiro".

Para a perplexidade e o medo de Bibi, que não havia completado 20 anos e se sentia incapaz de decorar sequer uma estrofe, papai Procópio passou três semanas ensinando-lhe tudo sobre o que seria sua futura profissão. E assim o Teatro Serrador assistiu, com muito gosto e muitas palmas, à estréia (estréia?) da jovem ao lado do pai numa comédia clássica italiana, "La Locandiera" (conhecida também como "Miradolina"), de Goldoni. Sua mãe, que a incentivara a fazer comédia, desconfiou de um sucesso tão fulminante: "Você é tão otimista que se torna irresponsável". E tinha razão. A menina trabalhava todas as noites, sem descanso,

Na escola de balé de Maria Oleneva, no Rio

Anos 40, na época da Cia. Bibi Ferreira

em duas sessões, ensaiava de tarde a próxima peça e não podia mais estudar piano o dia inteiro. A próxima peça, de resto, reuniu de novo pai e filha — só que no papel de amantes. "Para disfarçar a minha idade", lembra Bibi, "me puseram um vestido preto, turbante e uma capa escura. Eu parecia um morcego." A boca, de tão pintada, se transformava num bigode. Assim, o mesmo Teatro Serrador assistiu, entre desgostoso e revoltado, à adolescente elogiando as "noites maravilhosas" que passara com seu amante na comédia húngara "Uma Noite de Amor". A jovem Bibi, ainda incapaz de decorar um papel, não conseguia ouvir o que lhe sopravam do ponto, por causa do turbante. Desesperada, fez um buraco com uma tesoura na altura de uma das orelhas. No fim do último ato terminaram seu tormento e a carreira da peça, quando ela disse ao amante: "Até que enfim estamos sozinhos aqui, neste quarto, papai!"

Com a mãe, no Rio, em 1952

Declarando falida sua associação com a filha nos palcos, Procópio fundou-lhe uma empresa que ele administrava e na qual ela representava — a Companhia Bibi Ferreira. Todos os textos que recentemente têm sido apresentados, como novelas, às 6 horas da tarde, na televisão — "A Moreninha", "Senhora", "O Noviço" — formaram o capital artístico da empresa. O econômico, porém, era precário. Assim, mãe e filha embarcaram para Londres, junto a uma companhia inglesa, e durante dois anos Bibi estudou interpretação, serviu chá em casas de Piccadilly Circus e fez um filme, "End of the River" ("Fim do Rio"), ao lado do então popularíssimo astro indiano Sabu. "Esse filme até hoje vive passando nas madrugadas da televisão americana", conta Bibi, reconhecida em Los Angeles, no ano passado, por uma senhora insone que na noite anterior contemplara sua interpretação.

De volta ao Brasil, e incentivada pelo primeiro marido, Hélio Ribeiro da Silva, que não era um homem de teatro, Bibi Ferreira partiu para um ambicioso e cintilante espetáculo, "Escândalos de 1950". A matemática precisão do elenco reunido no Teatro Carlos Gomes — doze americanas de 1,85 metro de altura média, 24 argentinas de tamanhos variados e 24 cubanas dançando o "Mambo n.º 5" — garantiu durante 26 dias um cortejo de cadilaques na praça e homens eufóricos no salão. No 27.º dia, o teatro pegou fogo e não sobrou uma única lantejoula. E recomeçou a batalha. Bibi tentou uma remontagem mais modesta do espetáculo, em São Paulo, sem sucesso, cantou em boate e lançou um programa de rádio. Fez as contas e concluiu: "Se tanta gente encontra sucesso em Portugal, por que não a minha companhia?"

De fato, por que não? Assim, partindo do Recife, ela e catorze comandados submergiram na terceira classe do navio inglês "Alcantara" e durante catorze dias cruzaram o Atlântico sem ver a luz do sol. Lisboa, no entanto, assistiu à esbranquiçada trupe desembarcar na primeira classe (graças a um acordo prévio entre Bibi e o comandante do navio) e noticiou generosamente a ilustre visita. Por pouco tempo. A peça escolhida para a estréia, "Diabinho de Saias", uma comédia do americano Norman Krasna, ofendeu a sensibilidade dos ouvidos lisboetas, que estavam mais interessados em tragédia, e a companhia, escorraçada pela crítica, passou a correr o país em busca de alguns escudos para sua caixa. "Eu cheguei a ficar presa num hotel de Santarém como garantia do pagamento da conta", lembra Bibi.

Repentina e inexplicavelmente, porém, os ventos mudaram. A companhia voltou para o Brasil, ela conseguiu um contrato sozinha e transformou-se na "Rapariga do Tique Taque", nome do primeiro espetáculo que fez na sua carreira de quatro anos como a principal estrela portuguesa. Quando decidiu voltar ao Brasil, tomou um avião.

Daí para a frente, Bibi não se aventurou a mais nenhuma longa temporada no exterior. Procurou, ao contrário, o seu

ABRIL PRESS

Anos 60, em "Minha Querida Lady"

lugar entre as atrizes brasileiras, em princípio marcado pelas especialíssimas características do seu trabalho. Sem filiação a nenhum dos marcos reconhecidos do teatro brasileiro (não pertenceu nem ao Teatro Brasileiro de Comédia nem ao Arena), era um ponto solitário. Desenvolvera uma maneira aperfeiçoada de trabalhar, graças à sua experiência e ao aprendizado na Europa, mas guardava também o jeito brasileiro e antigo das comédias de costume, em que seu pai e Dercy Gonçalves, por exemplo, pontificaram. Talvez por isso, segundo lamentações de alguns de seus colegas de profissão, ela tenha perdido "esse tempo enorme" na televisão e no xerox nacional de musicais importados. Paulo Autran, por exemplo, que considera Bibi uma pessoa "instintiva, apaixonada e vibrante", é um dos que se queixam do empenho com que ela se dedicou à TV. Paulo Pontes vai ainda mais longe: "Era um desperdício muito grande uma atriz e diretora completa como ela não ter se dedicado mais ao teatro brasileiro".

Bibi, no entanto, tem opinião menos ressentida. Gosta de algumas telepeças que interpretou no começo da televisão brasileira, e do tempo de entrevistadora — função em que se tornou conhecida nacionalmente, entre 1966 e 1971 — só guardou o medo de levar a seu programa "pessoas monossilábicas", como o ex-jogador de futebol Bellini, que a cada elaborada e esfuziante pergunta respondia com um "sim", "não" ou "é". E, quanto ao teatro que faz ou fez, pouco mais tem a declarar além da paixão com que se entrega ao trabalho — uma paixão que a conduziu a uma "vida de freira", segundo ela, longe de cigarro, bebida, festas ou extravagâncias. Até para sua ausência à praia tem uma explicação profissional: o sol quente, diz ela, é prejudicial a todas as pessoas que trabalham com a voz, porque seca a mucosa. Ela pergunta: "Alguém já viu um cantor de ópera na praia?" Além disso, dorme cedo e faz ginástica todos os dias, um programa que por certo deve estar ajudando muito em "Gota D'Água", espetáculo onde Bibi considera fundamental o bom preparo físico.

A questão do suposto desperdício deve ter para Bibi, portanto, um outro sentido, ou simplesmente não faz sentido nenhum. Confessa que gosta de tudo o que faz e que o público — ao contrário do que muitos espetáculos da recentemente extinta vanguarda acreditavam — jamais está errado quando algo o incomoda. Com o teatro ganhou o bastante para viver bem — mora num apartamento duplex em Copacabana e tem uma casa no elegante bairro da Gávea, recentemente alugada ao comediante Chico Anísio — e para poder cultivar suas manias: ficar em casa arrumando sua decoração, só comprar roupa feita em butique, não ir a cabeleireiro, falar o menos possível ao telefone. Continua considerando-se uma otimista incorrigível. "O mundo não precisa só de uma revolução sexual. Precisa de uma revolução alegre, em que as pessoas se falem umas às outras".

ALDYR TAVARES

Com Procópio Ferreira, o pai, na cantina Fiorentina, do Rio de Janeiro

CHICO NELSON

Bibi, em casa: nem chá, nem torradas

ANTONIO ANDRADE

Com Grande Otelo em "O Homem de La Mancha": foram-se os tempos das amenidades musicais

E cultiva muito a família: a mãe, que faz tudo o que ela não faz (fuma e guia carro, por exemplo), os três irmãos, a filha Tereza Cristina, de 19 anos, mãe dos seus dois netos, Cláudia, de 2 meses, e Fernando, de 2 anos. Seus grandes amigos, enfim, estão dentro de casa: são os empregados. "Esta aí, a Celina", aponta ela, "foi abandonada pelo marido com sete filhos, o menorzinho ainda estava mamando. O Paulo se inspirou um pouco na vida dessa moça para a peça."

Com "Gota D'Água", portanto, a querida lady do teatro brasileiro completa um ciclo de intensa movimentação na sua carreira. Para chegar à atual tragédia musicada de proprietários ameaçados de perder suas casas, Bibi Ferreira deu um salto muito além de sua posição do tempo de "Minha Querida Lady", que estava tranqüilamente consolidada. Na época, o espetáculo entoava um coro de recordes: 50 milhões de cruzeiros velhos de custo (contra a média de então de 5 a 6 milhões), um seguro de 100 000 dólares só para o material elétrico importado dos Estados Unidos, lucro líquido de 140 milhões de cruzeiros nos primeiros onze meses de carreira. Em compensação, até as marcações de cena eram importadas e o contrato não permitia nenhuma liberdade de interpretação. Lembra Bibi que, naquele tempo, gastou alguns dias para pronunciar a única palavra menos digna na alegre biografia da vendedora de flores: era quando incentivava um cavalo a correr no páreo, mandando que ele movimentasse mais o traseiro. "Eu gaguejava, gaguejava e não saía", lembra ela. Quando saiu, o som correu o Rio de Janeiro de boca em boca — e a palavra foi rapidamente saboreada e deglutida, como um confeito vocabular de fácil digestão.

As expressões carregadas em "Gota D'Água" são bem mais numerosas, e seu recitativo coloquial, ágil e magnetizante encontram na antiga florista um perfeito porta-voz para chegar até a platéia. A peça, provavelmente, jamais conseguirá arrecadar tanto dinheiro quanto "Minha Querida Lady", mas em compensação é de manufatura totalmente nacional. O próprio calor e o desconforto do Teatro Tereza Rachel, segundo alguns, ajudam a dar um contorno mais nítido à atual posição de Bibi Ferreira no papel sofrido e dilacerado em que ela triunfa sobre um passado brilhante e polido. Porque apesar da coreografia e dos sambas, "Gota D'Água" vive debaixo de tensões. Um pequeno porrete de 30 centímetros de comprimento, por exemplo, caiu das mãos de alguém da platéia, na semana passada, e rolou entre as cadeiras, sem que o dono aparecesse para apanhá-lo. Um espectador atento, logo nos primeiros dias, era o ex-deputado Tenório Cavalcanti, famoso no tempo em que andava com uma metralhadora nas suas andanças pela baixada Fluminense. Disse ele: "Acho maravilhoso, mas não me surpreende. Eu vivo todo dia nessa realidade". A querida lady saiu, realmente, das conversas de sala de jantar.

CHICO NELSON

Com Roberto Bonfim: "Gota D'Água"

SE VOCÊ TINHA UMA BOA RAZÃO PARA IR A SALVADOR, AGORA TEM DUAS.

O Hotel Plaza voltou a funcionar, inteiramente remodelado e aparelhado.

Muita gente já estava com saudades do Plaza; clientes fiéis que, fora dele, se sentiam desambientados, não viam a hora de contar novamente com a hospitalidade e os bons serviços do mais tradicional hotel de Salvador.

Foi exatamente para essas pessoas e também para novos clientes, que o Plaza parou um pouco para reformar, melhorar e atualizar.

Agora, o Plaza está no ponto. Restaurante, bar, garagem, piscina, ar-condicionado, atendimento, tudo ainda melhor, ali na Avenida Sete, coração da capital baiana.

Se você tinha um motivo, pessoal ou profissional, para ir a Salvador, agora tem dois para fazê-lo. Confortavelmente.

HotelPlaza

Avenida Sete de Setembro, 1.839
Salvador - Bahia
End. Tel.: PLAZAHOTEL
Fone: 5.0031/35

Monte Hotéis
Recife/Salvador

RESERVAS:
Recife — Fone: 26.2794 —
End. Tel.: MIRAHOTEL
Salvador — Fone: 7.2033 — End. Tel.: PRAIAHOTEL — Telex: 071.1042
Rio de Janeiro — Fone: 224.8191 — Telex: 021.21306
São Paulo — Fone: 257.6777 — Telex: 011.22908
Belo Horizonte — Fone: 22.8942

Falta o texto

A RAINHA MORTA, de Heloísa Maranhão; direção de Luís Carlos Ripper; com Rosita Tomaz Lopes, Elke Maravilha, Zezé Mota, Jorge Gomes, Renato Coutinho; Teatro Gláucio Gil; Rio.

Estava a linda Inês posta em sossego quando Heloísa Maranhão foi cutucá-la. Para fazer uma peça. E tão adormecida estava a senhora que demorou muito tempo para acordar. Resultado: não chegou a existir qualquer peça. Em todo caso, o hábil Luís Carlos Ripper, encarregado de encenar a tentativa, acabou por promover um belíssimo espetáculo — demonstrando, com isso, que também é possível fazer teatro sem texto. Pois este, no caso, mal chega a existir. É verdade que a peça, no ano passado, fora escolhida pela comissão julgadora do concurso do Serviço Nacional de Teatro, ao qual concorreram mais de 300 originais, como uma das dez a serem lidas publicamente a partir de setembro, em São Paulo e no Rio. E Heloísa Maranhão foi tão afortunada que sua obra acabou sendo a primeira das dez a chegar ao palco.

ZÉ RICARDO

Elke e Zezé: a morte de Inês de Castro virou história de ninar

A história é a conhecida. Dom Pedro (Jorge Gomes), filho do rei Afonso IV (Renato Coutinho), ama a bela Inês (Elke Maravilha), contrariando o casamento político que seus sensatos pais lhe preparam. O infante não se conforma com a exigência paterna. E o pai, impiedoso, manda matar a incômoda concubina do filho. Quando se torna rei, Pedro desenterra a assassinada e promove um pouco higiênico beija-mão, para provar que pode fazer o que bem entende, até mesmo transformar uma defunta em rainha. O episódio inspirou a Luís Vaz de Camões alguns de seus mais belos versos. E serviu de tema, entre outras, às peças "A Castro" (1587), do português Antônio Ferreira, e "La Reine Morte" (1942), do francês Henri de Montherlant.

Dito popular — Heloísa Maranhão, porém, quis muito mais. Inventou um espetáculo ecumenicamente brasileiro. Nele, tal história tão repleta de barulho e fúria transformou-se em um incestuoso problema. Pedro tem o bom gosto de amar a personagem interpretada por Rosita Tomaz Lopes — que, infelizmente, na peça, é sua mãe. Elke Maravilha, por sua vez, encarrega-se de substituí-la. E tudo isto é cantado em tom de trovador. E contado para uma menina por sua ama negra (Zezé Mota) em tom de cobertor, para fazê-la dormir. O drama se agrava ainda mais quando Elke Maravilha passa a acumular os papéis de menina brasileira do século passado e de amante portuguesa do século XIV.

Esdrúxula mistura, que Luís Carlos Ripper conseguiu paradoxalmente transformar em um dos espetáculos mais belos, atualmente, do Rio. Por acreditar no dito popular que insiste em repetir que Inês é morta, aproveitou-se do cadáver. E fez com ele um verdadeiro balé, no qual as personagens não têm a menor importância, muito menos o que elas dizem. Quando se movimentam, no entanto, todos os atores o fazem com drapeados das dançarinas de Tanagra. Falta texto. Sobra espetáculo. E o que sobra é bom.

● Marinho de Azevedo

Você que tem gosto apurado pode avaliar o que seja possuir uma discoteca cuidadosamente selecionada e elaborada.

Esta que estamos lhe oferecendo, obedece às exigências dos melhores conhecedores e amantes da música clássica.

Os Grandes Compositores é uma coleção de discos com fascículos.

São 26 discos "long play" e 26 fascículos que você receberá em dois estojos finamente apresentados, oferecendo o máximo de proteção aos discos. E dando aos Grandes Compositores, uma apresentação de destaque em sua discoteca.

Os discos são "long plays" de 10 polegadas, gravação RCA, e oferecem a você todos os detalhes de interpretações primorosas e orquestrações perfeitas.

A fidelidade da gravação é absoluta. Você ouvirá peças musicais de rara beleza executadas por orquestras de renome como a Sinfônica do Festival de Londres, a Sinfônica de Bamberg, a Orquestra de Cordas do Centenário de Corelli. Peças que foram selecionadas para você por um Colégio de Consultores do mais alto gabarito: Isaac Karabtchevsky, João Souza Lima, Camargo Guarnieri, Caldeira Filho, Renzo Massarani e muitos outros.

Os fascículos são um complemento indispensável à sua cultura musical.

São 26 fascículos no formato de 30 x 31 cm, impressos em papel de alta qualidade e com as capas em belíssimo amarelo ouro.

Você terá mais de 300 páginas de texto, ilustrações e trechos originais de partituras, com informações valiosíssimas sobre os compositores, sua época e sobre a obra que você ouvirá nos discos.

Recolhemos os melhores momentos do acervo musical dos grandes compositores universais, apresentando uma seleção exclusiva que vai proporcionar a você e à sua família, horas de grande prazer e cultura. E que ajudará a despertar nos seus filhos, o gosto pela música clássica.

PARA VOCÊ E SUA FAMÍLIA, HORAS DE PRAZER COM A MELHOR MÚSICA DE TODOS OS TEMPOS.

ESTES SÃO OS COMPOSITORES QUE SELECIONAMOS PARA VOCÊ:

Beethoven	Mozart	Dvorák	César Franck
Tchaikowsky	Vivaldi	Haendel	Weber
Chopin	Wagner	Grieg	Corelli
Bach	Rimsky-Korsakov	Mendelssohn	Berlioz
Liszt	Schubert	Haydn	Schumann
Brahms	Paganini	D. Scarlatti	Bizet
	J. Strauss Jr.		Smetana

Abril Cultural

Veja como é fácil adquirir: 1- Preencha todos os dados solicitados em letra de forma ou à máquina. **2-** Marque um X no quadrinho correspondente à opção que você escolheu. **3-** Escreva a data e assine nos lugares indicados. Isto é muito importante para a sua garantia. **4-** Corte o cupom na linha pontilhada. Em seguida dobre-o e envie-o pelo correio, num envelope endereçado à Abril S/A Cultural e Industrial, Departamento de Marketing Direto, Caixa Postal nº 11830. **5** Envie seu pedido ainda hoje! Fazendo isto, você terá prioridade de recebimento. A quantidade é limitada.

GRANDES COMPOSITORES DA MÚSICA UNIVERSAL.

SIM, quero ter horas de prazer e cultura, ouvindo e lendo, com minha família, a maravilhosa coleção "Grandes Compositores". Por isso, desejo receber no endereço indicado, o quanto antes, os dois estojos contendo 26 discos e 26 fascículos. Sei que a quantidade é limitada, estou enviando este cupom hoje mesmo.

Opções de pagamento:

☐ Cr$ 540,00 anexo estou enviando cheque* nº _____ do banco _____

☐ Cr$ 600,00 que pagarei contra a entrega.

☐ 6 parcelas mensais, iguais e consecutivas de Cr$ 115,00, anexo estou enviando um cheque* de Cr$ 115,00 referente à 1a. parcela, para cobrir os custos de embalagem protetora, transporte e recebimento com prioridade!

*Os cheques devem ser à ordem de Abril S/A Cultural e Industrial.

Nome _____ Endereço _____

Bairro _____ CEP _____ Cidade _____ Estado _____

Data ___/___/___ Assinatura _____